

Um dia... um Gato

(Comentários sobre o filme)

Marli Piva Monteiro

Qualquer dia? Talvez. Mas .. e o gato. Esse não é qualquer gato.

O filme theco com uma sensibilidade desconcertante traz a metáfora poética da beleza e a complexa problemática bem atual da nova sociedade, de maneira brilhante.

O Gato pra começar é um animal ladino. Tem um toque de mistério, é matreiro, eu diria até, traiçoeiro.

E o Gato, só revela segredos quando está sem óculos. Sim, porque é um Gato de óculos escuros. Os óculos servem para esconder seus poderes maquiavélicos. Funcionam como um véu que encobre o que pretende revelar, já pressuposto. É preciso que haja o véu para que ele possa ser retirado. O véu que encobre e ao mesmo tempo revela.

Acho que esse Gato é um percussor do Big Brother.

Há um voyeurismo - exibicionismo que permeia a história e suscita as reações e atitudes extremas dos que são expostos em suas intimidades. Sentem-se desmascarados e se defendem como podem.

O filme traz um aspecto atual à medida que a invasão da privacidade em suas múltiplas nuances é motivo de especulações constantes e perturbadoras.

O que tem determinado essa necessidade de descobrir e divulgar as maiores intimidades nos seus detalhes mais pormenorizados?

Sem contar com a grande audiência do Big Brother, o que se verifica é que em circunstâncias as mais diversas, gravam-se e expõem-se cenas, entre colegas de escola, surpreendidos sem roupa ou em atos amorosos, entre amantes que gravam seus momentos de relacionamentos sexuais, pessoas de destaque e artistas que deixam gravadas atitudes de intimidade e a divulgação destes eventos nas redes sociais permitem uma

visibilidade ilimitada, cujas consequências podem ser imprevisíveis.

Se por um lado, há os que expõem as pessoas, por outro há como que uma necessidade das pessoas de se exporem, ao colocarem nos Facebooks e Instagrams, sua vida, seu cotidiano, suas vivências, alguns até apresentam a ostentação dos produtos de furtos, produtos de uso indevido de verbas públicas, etc.

Parece que não é mais possível emitirem-se flatus ou eructus sem que sejam postados nas redes.

Sabemos que o voyeurista goza além da visão da cena que devassa, o prazer daquele que está sendo visto, ainda que supostamente.

No entanto, ao que parece, o voyeurismo-exibicionismo como apresentado por Freud não conseguem de explicar toda a atuação desses traços perversos. Ao que tudo indica é de um olhar terceiro, imprescindível ao perverso, segundo Lacan, que se trata. Esse terceiro instala uma composição ou estrutura o gozo perverso e dele depende o gozo. O gozo perverso se nutre deste terceiro elemento - este olhar que testemunha - que produz esse gozo suplementar decisivo para permitir o gozo escópico que a cena permitiu, e o do ator da cena com o qual já se identificara previamente.

Não resta dúvida que ao homem moderno, que a cada dia mais se convence de sua pretensa onipotência e capacidade de extrapolar todos os limites, essa possibilidade de romper quaisquer fronteiras e derrubar obstáculos , é apenas a comprovação do seu poder ilimitado. Ele invade, devassa o que encontrar pela frente, ninguém o detém.

Avança na propriedade alheia e exhibe o produto da coleta, agride, fere, estupra e mostra os detalhes da sua barbárie como se fosse um troféu.

Será que não lhe bastam as transformações sociais, algumas até pouco tempo impensáveis, que tem conseguido? A legalização de

novos modelos de casamentos, adoções, documentação de identidade de transgêneros, adoção de medidas para o suicídio assistido, etc?

É preciso mostrar que não há limites. O sujeito eivado de traços perversos quer sempre mais porque não tem como satisfazer o desejo. O desejo é intransitivo. O perverso precisa da lei para transpô-la, tem que desmenti-la e esse é o seu tormento e o seu drama. Acaba sempre percebendo que isto não lhe basta.

Esse é o resultado da sociedade que nega a intervenção simbólica do pai e não quer ser submetido à lei da linguagem.

A falta de que se fala não é a do pai real, mas do representante da lei. Aquele que marca definitivamente a entrada do sujeito na comunidade dos falantes.

Marli Piva Monteiro é psicanalista, médica, escritora e tradutora.